

## Merleau-Ponty às voltas com a Psicologia: Dificuldades e Perspectivas de seus Primeiros Escritos

### Merleau-Ponty et la Psychologie : Difficultés et Perspectives de ses Premiers Écrits

Rafaela Ferreira Marques

Dr<sup>a</sup> em Filosofia - UFSCar/ Professora de Filosofia SEE-MG

#### Resumo

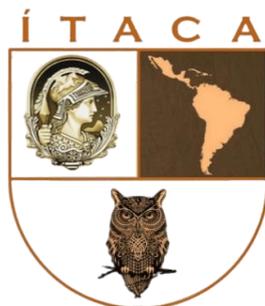
O artigo pretende apresentar e discutir alguns conceitos presentes nos primeiros escritos do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Mais especificamente nos debruçamos sobre o método de escrita e análise que o autor escolhe para sua tese complementar, *A estrutura do comportamento* – a perspectiva do espectador estrangeiro – e dos conceitos de Gestalt, comportamento e percepção, também presentes na tese complementar, bem como em seu projeto de trabalho *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. O que há de comum a todas essas questões é o fato de serem conceitos resistentes a uma visada pretensamente pura – intelectualista – ou inteiramente concreta – materialista.

#### Palavras-chave:

Merleau-Ponty; comportamento; percepção; psicologia da Gestalt.

#### Résumé

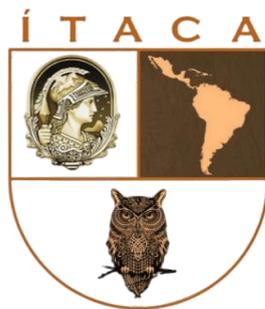
L'article vise à présenter et discuter quelques concepts présents dans les premiers écrits du phénoménologue français Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Plus spécifiquement, nous nous concentrons sur la méthode d'écriture et d'analyse que l'auteur choisit pour sa thèse complémentaire, *La structure du comportement* – la perspective du spectateur étranger – et les concepts de Gestalt, comportement et perception, également présents dans la thèse complémentaire, ainsi que dans son projet de travail *Le primat de la perception et ses conséquences*



*philosophiques*. Le point commun à toutes ces questions est qu'il s'agit de concepts résistants à une approche prétendument pure – intellectualiste – ou entièrement concrète – matérialiste.

**Mots-clés :**

Merleau-Ponty ; comportement ; perception ; psychologie de la Gestalt.



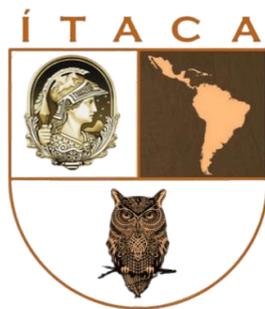
## INTRODUÇÃO

*A estrutura do comportamento*, obra de 1938, foi lançada por Merleau-Ponty com o objetivo de “compreender as relações entre a consciência e a natureza” (SC<sup>65</sup>, 1; 1). Esse fim não representava, na verdade, nada novo na história da filosofia, tantas foram as tentativas de explicar – ou no mínimo esclarecer – a complexa relação entre o ser humano, ou a consciência humana, e o meio no qual ela age e vive. Então, por que razões seria interessante voltar a essa questão já tão trabalhada e problematizada na história da filosofia ocidental? Devido ao fato de todas as outras tentativas serem, aos olhos de Merleau-Ponty, ou insuficientes, ou fontes de pré-juízos e mal-entendidos que, apesar disso, visavam estabelecer uma posição permanente e final sobre o problema. Reside aí o caráter problemático da abordagem científica, e mesmo filosófica, a respeito da relação entre o ser humano e seu meio: elas tentam ser uma resposta última a toda e qualquer questão que for colocada, sem se dar conta das lacunas e falhas imanentes a tais tentativas.

Esse tipo de postura vai de encontro com as teorias defendidas por Merleau-Ponty tanto em *A estrutura do comportamento*, quanto em seu livro de 1945; ali o autor afirma: “*Eu tenho o mundo como indivíduo inacabado através de meu corpo como potência desse mundo*” (Php, 402; 469). Dessa feita, adotar um método segundo o qual toda experiência corporal tanto do sujeito que pesquisa, quanto do mundo pesquisado, representa um contrassenso. Além disso, justamente graças a essa espessura referente ao mundo e à consciência, uma visada completa e acabada de qualquer que seja o tema não pode ser aceita por nosso filósofo, tampouco por nós. Trata-se, na verdade, de repensar as relações entre o ser humano e a natureza não mais nos termos de um pensamento de sobrevoo que não se mistura ao mundo

---

<sup>65</sup> As obras de Merleau-Ponty serão citadas por siglas, da seguinte maneira: *A estrutura do comportamento* – SC; *Fenomenologia da percepção* – Php; *O primado da percepção e suas consequências filosóficas* – PPCP; “Un inédit de Maurice Merleau-Ponty” – In; *Conversas – 1948* – C; *Sens et non sens* – SNS. A paginação indicada entre parênteses refere-se primeiramente à edição original em língua francesa e, quando houver, à versão traduzida para o português. As referências completas poderão ser encontradas ao final do presente artigo.



“real” e, assim, consegue falar dele de forma acurada. Esse trabalho, que será desenvolvido por Merleau-Ponty praticamente durante toda sua carreira, está bem delimitado n’*A estrutura do comportamento*, ainda que ele seja essencialmente negativo; veremos como a problematização de teorias comumente aceitas em sua época trouxeram grandes benefícios para seu percurso filosófico.

Não teria sido possível, no momento da redação d’*A estrutura do comportamento*, desenvolver todo um trabalho de pesquisa e análise ignorando a maneira corrente de se fazer filosofia e ciência – e nem era essa a intenção de nosso autor. Ademais, suas referências teóricas e metodológicas representavam, em certa medida, aquilo que ele tentou, praticamente durante toda sua carreira, rever e problematizar. Dentre essas revisões e problematizações que se estenderão nos mais de vinte e cinco anos de produção filosófica, citaremos aqui um ponto relevante para esta tese complementar terminada em 1938, mas defendida somente em 1945<sup>66</sup>: o método do espectador estrangeiro. Essa questão, proveniente da filosofia e da psicologia<sup>67</sup> representa uma espécie de esqueleto metodológico d’*A estrutura*. Nós nos empenharemos a seguir em compreender o que caracteriza esse método; qual a importância do comportamento para o desenvolvimento das teses merleau-pontianas naquele momento; e quais as razões de se assumir essa postura metodológica frente justamente a esse conceito.

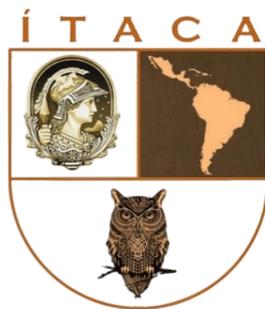
## 1. O ESPECTADOR ESTRANGEIRO DO COMPORTAMENTO

Falando de maneira simples, o método do espectador estrangeiro refere-se ao estudo de fatos, objetos ou problemas, em terceira pessoa, de maneira objetiva, sem nada pressupor a respeito do que será estudado. Esse tipo de abordagem se faz

---

<sup>66</sup> Para um aprofundamento detalhado sobre a defesa das duas teses, ocorrida em 1945, cf. Noble, 2008.

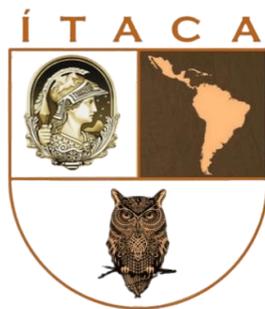
<sup>67</sup> Tanto Merleau-Ponty quanto seu orientador – Émile Bréhier – atribuíram uma notável importância às “pesquisas relativas à psicologia” (NOBLE, 2008, p. 134 – tradução nossa), convidando para compor a banca de defesa não apenas nomes ligados à pesquisa em filosofia e fenomenologia, mas também diversos teóricos proeminentes na área de psicologia experimental e de psicologia da forma.



necessária para evitar que se introduza uma consciência transcendente no estudo do comportamento que é “essa dimensão irreduzível à alternativa da pura interioridade e da simples exterioridade” (BARBARAS, 1997, p. 53 – tradução nossa). Sendo assim, abordar a questão do comportamento – que representa uma primeira possibilidade de negar a distinção factual do em-si e do para-si, levando em consideração que *A estrutura* foi escrita sete anos antes do acabamento da *Fenomenologia*, onde esse assunto é mais bem trabalhado – partindo da perspectiva do espectador estrangeiro é, a nosso ver, a maneira como o autor intenta se desvencilhar, ainda que discretamente, da tradição intelectualista da qual é herdeiro.

Tomando de empréstimo as palavras de Goldstein – neuropsicólogo cujos estudos são referência para nosso filósofo não só n’*A estrutura* como também na *Fenomenologia* – podemos reafirmar a importância de estudar as relações entre o homem e seu meio a partir do comportamento já que “somente a análise do comportamento humano já mostrava que as operações pretensamente simples, estavam longe de ser as mais fáceis a penetrar (...) ainda que fossem as mais banais e conhecidas” (GOLDSTEIN, 1951, p. 8 – tradução nossa). Apesar de fazermos inúmeros movimentos, de apresentarmos certas condutas ordinariamente em nossas vidas, explicar esses pontos representa, para Goldstein, bem como para Merleau-Ponty, um trabalho longo e importante. É evidente, porém, que cada um desses autores se empenha de maneira específica na questão, não queremos aqui tratá-los de forma análoga, mas nos valer de uma referência do próprio fenomenólogo, o que favorece o esclarecimento da importância dada ao comportamento no livro de 1938.

Essa obra, como afirmam inúmeros comentadores, possui majoritariamente um aspecto negativo, pois trata de desconstruir argumentos da filosofia e da psicologia no que se refere às relações entre homem e natureza. Tal “negatividade” nos ajuda a compreender o método do espectador estrangeiro, já que o próprio Merleau-Ponty esclarece que o pensamento de sobrevoos do cientista e dos filósofos



da tradição, contrariamente ao que eles almejam, não se sustenta caso queiramos ter acesso “às coisas mesmas” que coexistem com o filósofo e com o cientista, não estando, portanto, disponíveis a uma livre inspeção do espírito desencarnado. Porém, sendo esta a posição do autor em quase toda sua carreira, por que pretender uma posição objetiva – aquela do espectador estrangeiro – frente ao comportamento?

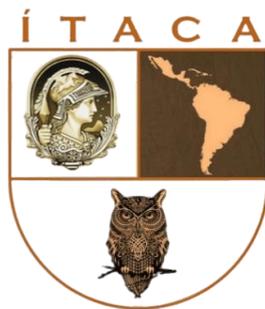
Merleau-Ponty, para ser capaz de dialogar com as psicologias experimentais contemporâneas a ele, adotará essa posição. Segundo Bimbenet (2004, p. 35 – tradução nossa), o ponto de vista do espectador estrangeiro estabelece que “a consciência se fará ‘estrangeira’ a si mesma, o que significa que ela se fará ‘coisa’ ou ‘objeto’”, e dessa forma Merleau-Ponty estaria em consonância com o método científico de análise. O autor se vale desse tipo de mecanismo para problematizar “de dentro” as teorias psicológicas e mostrar o quanto elas são insuficientes em uma tarefa que acreditavam ter completado com êxito, a saber explicar as relações empreendidas entre o ser humano e seu *Umwelt*<sup>68</sup>. Gareats esclarece a questão:

Ao começar pela observação exterior, pela percepção dos comportamentos, Merleau-Ponty fez de seu primeiro livro um estudo duplamente preocupado com a percepção: primeiramente, porque os comportamentos animais e humanos que são o *objeto* desse estudo são, ao menos por um lado, comportamentos perceptivos; também porque aquele que efetua esse estudo está engajado nele enquanto *sujeito* perceptivo. É evidente que, na medida em que o segundo aspecto é explicitado, uma mudança de método acontece: de um estudo da percepção como comportamento visto de fora, passa-se a um estudo da percepção vivida do interior (GERAETS, 1971, p. 39 – tradução nossa).

Encontramos no último capítulo de *A estrutura do comportamento* a mudança anunciada pelo comentador. Nesse momento, Merleau-Ponty inicia uma

---

<sup>68</sup> Bimbenet afirma sobre esta questão: “*A estrutura do comportamento* parte do ponto de vista estrangeiro à consciência, mas essa alteração dos ‘si’ representa apenas o início de um longo trabalho crítico dedicado a ultrapassar o realismo em direção ao ponto de vista da consciência” (2004, p. 36 – tradução nossa). Este trabalho, segundo o comentador, será continuado na *Fenomenologia da percepção*.



discussão acerca da consciência perceptiva tendo como base aquilo que fora investigado por ele no decorrer da obra, a saber, as relações da alma e do corpo com o mundo que os rodeia. A consciência perceptiva, da maneira como é trabalhada no primeiro livro de Merleau-Ponty, não pode ser inteiramente vista como puro sujeito sem relações com o exterior, como era comum à filosofia intelectualista da qual, como mencionamos, o próprio fenomenólogo francês é herdeiro. Por ser, simultaneamente, sujeito e objeto dos estudos empreendidos naquele momento, a consciência e o comportamento, representam pontos de partida privilegiados para toda a teoria merleau-pontiana, o que atesta a importância de *A estrutura do comportamento*, por vezes negligenciada pela maioria dos comentadores.

A consciência para Merleau-Ponty n' *A estrutura* seria objeto para si mesma, já que o comportamento será relacionado à forma da *Gestalttheorie*, “e, portanto, como sentido *para* uma consciência” (NEVES, 2016, p. 26), fazendo-se necessário, assim, explicar de que maneiras esse conjunto significativo se relaciona com a consciência. Não é, todavia, somente sobre este tema que *A estrutura do comportamento* trata, ela investiga também as maneiras de encarnação da consciência e à necessidade de se colocar esta consciência no mundo, o que só ocorre, como o próprio Merleau-Ponty nos dirá em 1945, graças ao corpo. Em um plano de trabalho datado de 1933, conseqüentemente anterior à publicação do livro sobre o qual nos debruçamos agora, o autor afirma que “o universo da percepção não seria assimilável ao universo da ciência” (PPCP, 13; 12). Podemos dizer ainda que o primeiro é o que torna este último pensável e possível, ao contrário do que acreditam os cientistas e boa parte dos filósofos; nem a percepção é uma ciência iniciante, nem a ciência uma percepção mais elevada. Por isso, o método do espectador estrangeiro, em toda sua ambigüidade, se coloca como um modo interessante de se pensar as questões trabalhadas pelo autor; graças a ele foi possível para o autor transitar entre uma maneira mais clássica de se fazer filosofia,

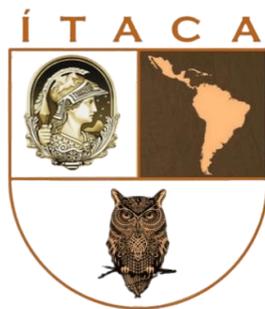


diretamente ligada ao pensamento de sobrevoo a fim de problematizar de dentro essa mesma forma de pensar.

Não surpreende, portanto, que o autor, ainda no plano de trabalho citado há pouco, prossiga: “no estado presente da filosofia, teria cabimento tentar uma síntese dos resultados da psicologia experimental e da neurologia no que tange ao problema da percepção, determinar pela reflexão a sua significação exata e talvez reformular certas noções psicológicas e filosóficas em uso” (PPCP, 13; 12). Dentre essas noções a serem reformuladas podemos citar o “corpo próprio”, a “percepção”, o “corpo”, o “espaço”, o “comportamento”, dentre tantas outras que serão trabalhadas pelo autor. Ou seja, a discussão sobre a percepção está imiscuída já no livro de 1938, mesmo que só seja tratada enquanto assunto principal somente em seu último capítulo. Segundo o próprio fenomenólogo, “nunca cessamos de viver no mundo da percepção, mas o ultrapassamos pelo pensamento crítico, ao ponto de esquecermos a contribuição que o primeiro traz a nossa ideia do verdadeiro” (In, 401 – tradução nossa). Por isso ele julgou necessário retornar ao mundo da percepção, tal retorno se inicia justamente nas obras ditas “de juventude” do autor. Ele mesmo nos esclarece a importância dessa questão e com quais teorias travaria diálogos:

O espírito que percebe é um espírito encarnado, e é essa encarnação do espírito em seu corpo e em seu mundo que tentamos, em princípio, reestabelecer, tanto contra as doutrinas que tratam a percepção como o simples resultado da ação das coisas exteriores sobre nosso corpo, quanto contra aquelas que insistem na autonomia da tomada de consciência (In, 402 – tradução nossa).

Tendo em vista a inegável importância da percepção, o caráter constitutivo da corporeidade na experiência que temos do mundo, por que, então, adotar uma postura que se coloca fora desse mundo? Com que finalidade Merleau-Ponty assume um tipo de raciocínio típico das ciências positivas, sendo que sua intenção era, como dissemos, demonstrar o inacabamento do mundo? A ambiguidade do método do espectador estrangeiro seria motivo e razão suficientes para que Merleau-Ponty optasse por adotá-lo na obra que abriu caminho para seu percurso



filosófico? Não seria um contrassenso valer-se justamente de um método científico que visa reduzir a percepção ao puro recebimento de estímulos exteriores sem que haja, por seu turno produtividade ou influência de uma consciência? O próprio autor responde essas indagações em 1948:

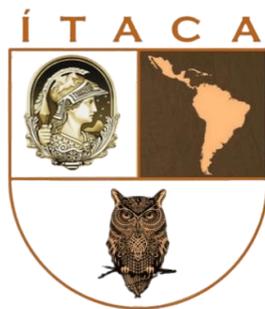
Não se trata de negar ou de limitar a ciência; trata-se de saber se ela tem o direito de negar ou de excluir como ilusórias todas as pesquisas que não procedam como ela por medições, comparações e que não sejam concluídas por leis, como as da física clássica, vinculando determinadas consequências a determinadas condições. Não só essa questão não indica nenhuma hostilidade com relação à ciência como é ainda a própria ciência, nos seus desenvolvimentos mais recentes, que nos obriga a formulá-la e nos convida a responder negativamente (C, 14-5; 6).

A perspectiva do espectador estrangeiro, a nosso ver, inicia esse movimento de problematização da pretensa universalidade irrecusável que a ciência – incluindo-se até certo ponto a psicologia – reclama para si. A partir do momento em que Merleau-Ponty se coloca, de uma maneira pretensamente imparcial, frente às questões do comportamento, que, como dissemos, não se limita nem à pura exterioridade nem a uma consciência liberada de toda materialidade, ficarão evidentes inúmeras pendências que a ciência não resolve. A escolha do autor por essa posição no que tange, especificamente, às questões do comportamento representa uma tentativa de demonstrar justamente a insuficiência do método científico-psicológico usando a mesma “ferramenta” que ele<sup>69</sup>.

A relação de Merleau-Ponty com o cientificismo e com a filosofia transcendental se estende a praticamente todos os seus escritos e como *A estrutura do comportamento* foi sua primeira publicação, ainda havia nela uma “hesitação fundamental” (GERAETS, 1971, p. 2) que o método do espectador estrangeiro,

---

<sup>69</sup> Em outros momentos de sua obra o autor vale-se de um método semelhante. A fim de ilustração podemos citar a introdução à primeira parte da *Fenomenologia da percepção*, aquela referente ao Corpo, na qual o autor afirma que partirá das questões que o pensamento objetivo – aquele das ciências ou do senso comum – se coloca frente ao problema da corporeidade para, de dentro, demonstrar as limitações e os mal-entendidos nos quais se vê enredada essa perspectiva embora ela possua um ideal de completude e resolução claramente frágil. Cf. *Php*, 86; 110.



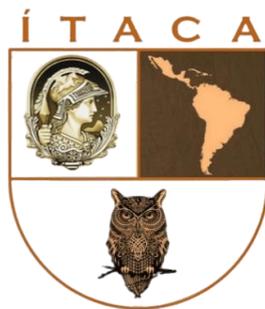
usado pelo autor em boa parte desse livro, ilustra bem. Segundo Geraets (1971, p. 2 – tradução nossa):

É aqui que se manifesta a hesitação de Merleau-Ponty, que não quer nem renunciar a toda filosofia transcendental, e tampouco assumir definitivamente o ponto de vista da consciência transcendental constituinte, concebida sob o modelo do espectador estrangeiro *diante* do qual o mundo inteiro, incluindo-se nós mesmos, encontra-se exposto.

A princípio Merleau-Ponty intenta compreender o comportamento não a partir de seu próprio comportamento, mas investigando o comportamento reflexo, os superiores, as diferentes ordens vitais, em cujo seio, por fim, aparece o ser humano. Apenas na última parte da tese complementar o autor se indaga sobre a consciência perceptiva colocando-a frente à atitude transcendental – residindo nessa relação a “hesitação” apontada por Geraets e que, a nosso ver, é justificada, já que Merleau-Ponty tanto n’*A estrutura* quando na *Fenomenologia* ainda conserva algo da atitude transcendental. Dessa forma, observar como se dão as mudanças de abordagem do autor frente a algumas questões chave – como aquela do corpo, da percepção e da relação entre consciência e mundo – se faz importante para compreendermos a gênese da teoria da corporeidade, que só será amplamente discutida na *Fenomenologia da percepção*. É importante ressaltar que

o método do espectador estrangeiro não permite mostrar como a presumida autonomia da reflexão, a verdade do *cogito* (...) é relativizada pelo fato de sua dependência em relação à infraestrutura vital. Donde a necessidade de uma mudança do ponto de vista que se torne capaz de atestar *fenomenologicamente* essa dependência (NEVES, 2016, p. 27).

Essa necessidade só será completamente satisfeita no livro subsequente de nosso autor. Embora vejamos em *A estrutura do comportamento* uma tentativa de se desvencilhar do ponto de vista do espectador estrangeiro em seu final, pois ele já teria cumprido seu papel de demonstrar as falhas e limites de uma ciência e de uma psicologia que se pretendiam inteiramente poderosas e sem lacunas, essa mudança de perspectiva só será plenamente colocada em prática na *Fenomenologia da percepção*. Ali o autor se preocupa, realmente, em se colocar a partir *do alto*,



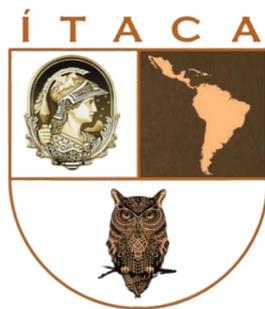
refletindo sobre as capacidades e limites da consciência perceptiva encarnada em um corpo que não pode mais, graças aos avanços contidos na tese complementar, ser identificado a um puro mosaico de sensações ou um mecanismo inteiramente controlado por uma consciência transparente a si mesma. No entanto, não é nossa intenção no presente artigo, discutir questões e querelas referentes ao grande livro de 1945. Intentamos, neste momento, investigar temas que, por sua relevância e complexidade, podem ser compreendidos como uma espécie de catalisador para as reflexões merleau-pontianas subsequentes. Por isso, agora, nos debruçaremos sobre o conceito de percepção presente em *A estrutura do comportamento*, sempre nos recordando que as análises de Merleau-Ponty partem desse posicionamento ao mesmo tempo distante e próximo que é a maneira como ele encontrou para se valer do método do espectador estrangeiro.

## 2. PERCEPÇÃO E GESTALT EM *A ESTRUTURA DO COMPORTAMENTO*

Em seus escritos, Merleau-Ponty normalmente elege teóricos – das mais diversas áreas do conhecimento – como interlocutores para analisar determinados pontos. No que se refere especificamente ao livro de 1938 existe uma grande presença da teoria da forma e esta será, em um primeiro momento, aquilo que mais perto chega de dar uma explicação satisfatória para o fenômeno do comportamento<sup>70</sup>. Como mencionamos, o autor se vale de casos estudados pelas ciências de sua época, como a fisiologia, e analisa seus resultados de uma maneira diversa daquela usualmente aceita. Uma das conclusões a que ele chega é que não há proprioceptividade e nem exteroceptividade puras. As relações entre estímulo, reação e reflexo são ambíguas e variam de acordo com condições provenientes do meio que não podem ser igualadas pura e simplesmente a uma suposta

---

<sup>70</sup> Já que tanto a teoria do reflexo condicionado de Pavlov quanto o behaviorismo falharam nessa tarefa como bem mostram os dois primeiros capítulos d'*A estrutura do comportamento*.

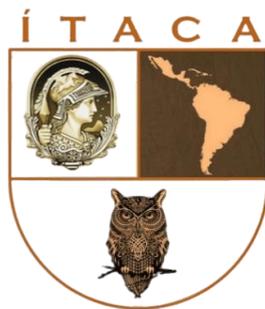


representação no cérebro. Isso se dá, inclusive, no comportamento animal. Sendo assim,

a partir do momento em que o comportamento é tomado “na sua unidade” e no seu sentido humano, não é mais com uma realidade material que estamos lidando e menos ainda, aliás, com uma realidade psíquica, mas com um *conjunto significativo* ou com uma *estrutura* que não pertence propriamente nem ao mundo exterior, nem à vida interior (SC, 276; 284 – itálicos nossos).

Resta, pois, investigar como se dá essa configuração do comportamento enquanto conjunto significativo ou estrutura, ou seja, do comportamento enquanto “forma”. Concomitantemente, será imprescindível apontar a relação da “forma” com as noções de esquema corporal – importante também para o projeto desenvolvido na *Fenomenologia da percepção* – e de “percepção”.

Indagando-se sobre como as reações a estímulos exteriores ocorre, Merleau-Ponty nos diz que há uma espécie de reciprocidade entre o espaço exterior e o corpo, segundo ele “o animal e o homem reagem, pois, de uma maneira adaptada ao espaço, mesmo na ausência de estímulos atuais ou de estímulos recentes que sejam adequados” (SC, 39-40; 41). Ainda que atualmente não haja estímulos concretos é possível “saber” onde estamos e como nos locomover em uma extensão que nos seja familiar; existindo, portanto, o que Merleau-Ponty chama de “intenção motora” em direção ao mundo. Há, assim, uma adaptação de nossos reflexos às mudanças de meio, e “esta adaptação imediata de nossos reflexos não acontece apenas em relação ao espaço ocupado por nosso corpo. O espaço exterior é atingido por eles de modo igualmente certo” (SC, 38; 39). Não existe, portanto, necessariamente, uma referência ao cérebro ou à consciência, no sentido de algo que tem a responsabilidade de guiar os movimentos do corpo que age em direção a algo na natureza. Da mesma maneira, afirmar que o corpo seja um “mosaico de sensações” governado por uma consciência que seria capaz de juntar todas elas e atribuir-lhes um sentido é, no mínimo, problemático, tendo em vista o caráter significativo do *todo* do comportamento que não pode ser reduzido à simples soma de suas partes.



Essa é uma das origens da crítica ao pensamento causal em psicologia; segundo o autor “o corpo em seu funcionamento não pode se definir como um mecanismo cego, um mosaico de seqüências causais independentes” (SC, 40; 42). A fim de explicar melhor essa questão, ele se volta ao estudo da teoria pavloviana do reflexo que compreende as relações entre corpo e meio justamente como um processo causal em que, a partir de determinadas excitações, reflexos constantes são obtidos. Merleau-Ponty completa que:

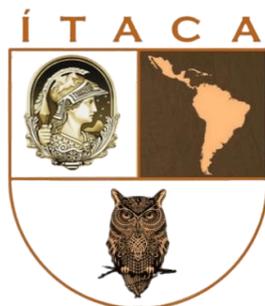
entre os estímulos, o sistema nervoso e o comportamento, Pavlov admite uma espécie de correspondência pontual e unívoca. O sistema nervoso em especial dirigiria o comportamento por uma ação comparada à do timão num barco ou do volante num automóvel (SC, 90-1; 93).

Retornamos então ao ponto da suposta independência e preponderância da consciência em relação ao corpo, fato que não pode ser sustentado, como diversas experiências contemporâneas a Merleau-Ponty demonstram<sup>71</sup>. Por exemplo, na síndrome do membro fantasma, a teoria do reflexo condicionado não é capaz de perceber que “o sintoma é uma resposta do organismo a uma questão do meio, e que assim o quadro dos sintomas varia com as perguntas que fazemos ao organismo” (SC, 93; 95). Ao tentar encontrar no sistema nervoso ou em algum “trauma” – para os psicólogos introspeccionistas – a causa da manutenção no esquema corporal de uma parte que não mais existe enquanto parte biologicamente real, as duas correntes da psicologia se viam em apuros.

Podemos dizer, então, que o corpo estando inserido nesse “meio” é solicitado por ele e ainda que a consciência “saiba” que não possui mais um braço, o indivíduo ainda o sente presente, já que as situações para as quais esse braço era solicitado continuam, de alguma maneira, a “fazer sentido” para aquele sujeito acometido pela síndrome. A intenção motora do sujeito doente em relação ao mundo continua a existir mesmo sem o membro aferente. O distúrbio no

---

<sup>71</sup> Gelb e Goldstein são exemplos de cientistas que muito colaboraram para o desenvolvimento das teses merleau-pontianas; especialmente este último, cujo livro principal – *La structure de l'organisme* – serviu de inspiração para o título da obra de 1938 de nosso autor.



comportamento é, com efeito, uma resposta à demanda do meio, que, apesar da lesão, continua a exigir do sujeito uma conduta específica<sup>72</sup>. Não se trata, porém, de uma ação inteiramente centrada no polo objetivo da relação, já que a existência de uma intenção ativa por parte do sujeito é imprescindível para que a síndrome se instale.

Uma das razões para que o doente apresente comportamentos cujo abandono deveria ter ocorrido imediatamente após a lesão – como no caso de Schneider, paciente de Gelb e Goldstein – é aquilo que, em 1938, Merleau-Ponty chamará de aderência ao imediato que impede uma espécie de abstração que se traduz como compreensão da relação entre figura e fundo<sup>73</sup>:

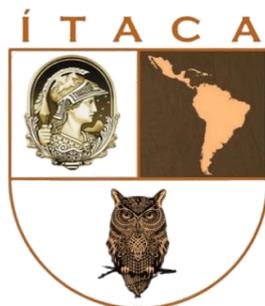
Como o comportamento do doente adere, muito mais estreitamente que o do sujeito normal, às relações concretas e imediatas do meio, o distúrbio fundamental poderá ainda ser definido como “a incapacidade de captar o essencial de um processo” ou enfim como a incapacidade de circunscrever nitidamente um conjunto percebido, concebido, ou apresentado, a título de *figura*, em um *fundo* tratado como indiferente (SC, 96; 98).

Ou seja, não acontece uma simples subtração em relação ao comportamento sadio, mas uma indiferenciação, o comportamento do doente é, em relação àquele dito normal, “menos diferenciado, menos organizado, mais global, mais amorfo” (idem). No entanto, a que se refere essa menor organização citada pelo autor? Nesse momento, sua argumentação, além do próprio andamento deste texto, apela para a explicação do conceito de “forma”.

---

<sup>72</sup> Por essa razão também não podemos isolar corpo e consciência como dois fatores isolados no âmbito do comportamento. Voltamos a essa questão devido à grande importância que ela possui, sendo mencionada por Merleau-Ponty em uma nota na qual ele aponta que, quando escrevera e publicara *A estrutura, a Fenomenologia da percepção* – que trata majoritariamente do tema da indissociabilidade entre corpo e consciência – já estava sendo escrita e versaria sobre temas análogos usando, ainda mais que o livro de 1938, os estudos de Gelb e Goldstein. Ele afirma: “Utilizaremos *em outro trabalho* as admiráveis descrições da escola de Gelb e Goldstein no que concerne às relações que existem entre os distúrbios propriamente perceptivos e os distúrbios do pensamento” (SC, 98; 100 – itálicos nossos).

<sup>73</sup> A síndrome do membro fantasma, como tantas outras patologias, continuarão a ser trabalhadas por Merleau-Ponty no decorrer de sua carreira filosófica. Na *Fenomenologia da percepção* haverá um diálogo ainda mais intenso com Gelb e Goldstein, e Schneider aparecerá como caso estudado pelo fenomenólogo em inúmeras passagens. Sobre essa questão Cf. o item 2.1 do Capítulo II deste trabalho.



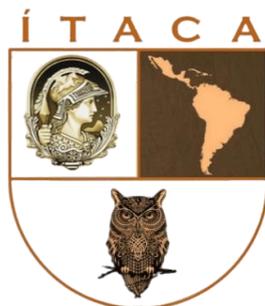
A *Gestalttheorie* é uma vertente da psicologia nascida no final do século XIX e que teve, assim como a filosofia de Merleau-Ponty, grande influência da fenomenologia husserliana. Nosso autor toma de empréstimo muitos conceitos provenientes dessa corrente, além de concordar, mesmo que em um primeiro momento, com muitas de suas ideias, dentre elas a crítica às ciências, ou mais especificamente ao cientificismo. Köhler em seu célebre livro *Gestalt Psychology*, de 1930, ao discutir justamente com as ciências duras, afirma que a cadeira – exemplo clássico para a filosofia, como observamos em Russell, e tantos outros contemporâneos a ele – vai ser sempre essa coisa dura, lá, estável e pesada; “em hipótese alguma ela será algo meramente percebido, ou em algum sentido um fenômeno subjetivo” (KÖHLER, 1947, p. 21 – tradução nossa). E assim, “quando falo sobre uma cadeira, quero dizer a cadeira presente no meu dia a dia e não algum fenômeno subjetivo” (KÖHLER, 1947, p. 24 – tradução nossa). Ao criar mundos abstratos, a partir das desconfianças em relação aos dados do sentido, os cientistas e mesmo psicólogos se complicam, visto que o mundo efetivo das coisas percebidas, e da cadeira enquanto cadeira, continua a existir e é a ele que nos reportamos cotidianamente. Daí a necessidade de trabalhar sobre ele, e, segundo Merleau-Ponty, lembrar a ciência desse terreno primordial de onde ela parte e ao qual ela sempre se refere sem dar os devidos créditos.

Compreendemos, assim, que a ideia da *Gestalttheorie* nasce de maneira análoga àquela do nosso filósofo, mesmo que os métodos e as conclusões sejam diferentes. Barbaras (1997, p. 56-7 – tradução nossa) nos dá uma boa definição do que seja a forma, conceito chave tanto para esta teoria psicológica quanto para a obra de Merleau-Ponty:

Essa psicologia mostra que o simples perceptivo é sempre uma totalidade organicamente articulada, uma unidade indecomponível. A forma é um todo que é outra coisa, algo a mais, que a soma de suas partes, cujas propriedades não resultam da simples adição das propriedades dessas partes. Isso significa que uma modificação em uma parte tem por consequência a modificação do todo (...).

A noção de forma, no entanto, se mostra ambígua, já que ela não subsome “a nenhum dos termos da antítese clássica entre matéria e consciência” (FERRAZ, 2006, p. 34). Por essa razão tal conceito é tão caro à filosofia merleau-pontiana, ele representa uma de suas teses de trabalho mais importantes, ainda que ele não consiga ultrapassar de fato o dualismo no início de sua carreira<sup>74</sup>. Passemos então

<sup>74</sup> Cf. a respeito disso o primeiro capítulo da tese de R. Barbaras, onde lemos sobre a *Fenomenologia da percepção*: “Realismo e intelectualismo não são ultrapassados, mas colocados à distância; de maneira que, a dupla negação tende a se transformar em dupla afirmação: longe de dar lugar a uma contestação radical dos conceitos da filosofia objetiva, a descrição é efetuada, ao mesmo tempo, em um vocabulário realista e intelectualista”. (BARBARAS, 1991, p. 25 – tradução nossa). A tese de Barbaras segundo a qual Merleau-Ponty permanece ainda completamente tributário do idealismo



a uma breve consideração sobre a importância da noção de forma tanto para compreender a percepção quanto o comportamento. Devemos dizer, porém, que a maneira como a *Gestalttheorie* aborda essa questão ainda não é aquela almejada por Merleau-Ponty. Apesar de a “nova psicologia” compreender que o que “vem primeiramente em nossa percepção” não são “elementos justapostos, mas conjuntos” (SNS, 61<sup>75</sup>), ela não leva esta descoberta às últimas consequências, deixando de lado justamente as questões mais profundas acerca da dependência entre o sujeito e o mundo e a influência recíproca que eles entretêm.

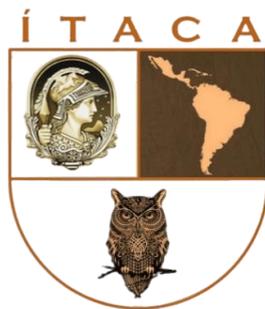
Para introduzir essa crítica aos gestaltistas, Merleau-Ponty afirma que “quando quisemos definir as variáveis das quais ele [o comportamento] depende efetivamente, nós as encontramos, não nos estímulos considerados como acontecimentos do mundo físico, mas em relações que não estão contidas neles” (SC, 195; 201 – colchetes nossos). O problema do comportamento abre, portanto, uma lacuna na qual a noção de forma se encaixa com alguma facilidade. Isso devido justamente ao fato de que o todo da forma (as “relações”) extrapola a simples soma das partes de seus elementos, e por isso a estrutura do comportamento pode ser identificada àquela da forma. Ora, o mundo físico, os dados exteriores ao sujeito que, pretensamente, poderia acessá-los de maneira irrestrita – perspectiva do espectador estrangeiro – não são o suficiente para garantir a inteligibilidade das variáveis de comportamentos, inclusive aqueles presentes em animais como cachorros ou macacos.

A partir disso, podemos compreender como esta noção auxiliará a compreensão do comportamento, e mais que isso, como ela servirá para criticar as concepções tanto mecanicistas quanto finalistas desse conceito. Sobre o comportamento patológico, Merleau-Ponty nos diz que “a doença não diz

---

na *Fenomenologia* será mencionada mais a frente neste trabalho em outro contexto, mas que possui uma discussão análoga à que estamos fazendo aqui.

<sup>75</sup> Para a tradução deste texto de Merleau-Ponty que na verdade foi uma conferência proferida em 1945, Cf. XAVIER, 1983, p. 103.



diretamente respeito ao conteúdo do comportamento, mas à sua estrutura” (SC, 96; 99). Não são aos estímulos que a doença se reporta, mas à maneira global de organização do comportamento: “A existência de distúrbios de estrutura sugere a de um funcionamento geral de organização do comportamento” (SC, 103; 106), nesse momento vemos aparecer a ideia de “forma” do comportamento, com a qual os distúrbios citados, podem ser compatíveis devido a seu caráter “estrutural”. Essa estrutura, porém, não deve ser identificada diretamente a uma capacidade intelectual de se organizar estímulos da melhor maneira possível, levando-se em conta a pregnância, por exemplo. Deve-se, com efeito, compreender os distúrbios de comportamento relacionando-os ao caráter motivado tanto interior quanto exteriormente, da percepção global dos sujeitos.

Segundo a *Gestaltpsychologie*, o que torna um objeto visível, ou o que faz com que ele se “descole” do resto do mundo para nossa percepção, longe de ser seu significado – como afirmam os psicólogos clássicos – é, na verdade, “uma estrutura especial em nossa percepção: a estrutura da ‘figura sobre um fundo’” (PPCP, 26; 22). Essa estrutura não é definida intelectualmente, recorrendo-se a categorias do espírito, mas por condições objetivas que se deixam definir “por certas propriedades *sensíveis*” (idem). Ainda sobre a impossibilidade de identificar a percepção a um mosaico de sensações o autor caracteriza-a segundo a *Gestalttheorie*: “a percepção primitiva se refere mais a relações do que a termos isolados – relações *visíveis* e não *concebidas*” (PPCP, 27; 22-3)<sup>76</sup>. Portanto, fica

<sup>76</sup> Vale contextualizar aqui essas passagens que retiramos do texto “La nature de la perception” de 1934, cujo objetivo era propor algumas teses que seriam trabalhadas posteriormente tanto nas suas duas grandes obras da década de 1940, quanto no *Primat de la perception et ses conséquences philosophiques*. No momento em que dialoga com a *Gestalttheorie*, o autor explica que para essa escola também a noção de espaço é importante já que as definições de “alto e baixo” por exemplo, não são deduzidas a partir do “meridiano de nossa retina” em relação “ao eixo de nossa cabeça e de nosso corpo” (PPCP, 30; 25), mas existem, antes, “certos pontos importantes de nosso campo sensorial (pontos de ‘ancoragem’)” que determinam “algo como um ‘nível espacial’, e as linhas do campo visual são afetadas *imediatamente* por índices ‘para cima’, ‘para baixo’, sem juízo nem comparação” (PPCP, 30; 25). Vemos aparecer novamente a recusa a um pretense pensamento constituinte que seja capaz de julgar ou estabelecer, por reflexão, coordenadas artificialmente construídas sobre nosso corpo; veremos, inclusive, que essa noção



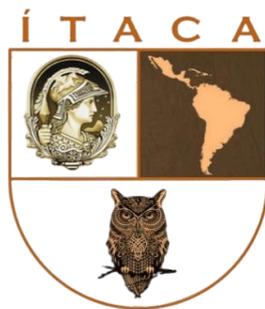
nítida a estreita relação vislumbrada por Merleau-Ponty entre o comportamento e a estrutura, da maneira como a concebem os psicólogos da Gestalt.

Sendo assim, fica impossível conceber o comportamento segundo as categorias do em-si e do para-si: “não podemos, nem mesmo, se o comportamento é uma ‘forma’, determinar o que nele depende de cada uma das condições internas ou externas tomadas isoladamente” (SC, 197-8; 204). Nem o comportamento pode ser reduzido ao “campo físico”, nem ao “campo fisiológico” e tampouco ao “campo mental” (idem). Ele é, de fato, a integração “indivisível” desses três, e seria, segundo Merleau-Ponty, a “forma” o que permite essa junção, pois ela é “aplicável igualmente aos três campos” e “os integraria como três tipos de estrutura” (SC, 198; 205), por essa razão, a forma aparece como um meio de ultrapassar os dualismos.

A noção de Gestalt, todavia, não é “levada até suas mais importantes consequências” (SC, 206; 212), pelos próprios psicólogos da Gestalt. Vale ressaltar que, para Merleau-Ponty, “a ideia de comportamento implica, em todas as etapas, a ideia de forma” (WAELEHENS, 1978, p. 35 – tradução nossa), sendo necessário refletir sobre a impossibilidade de se assumir esse conceito enquanto algo “em si” (idem). Segundo Merleau-Ponty, para escapar às teses materialistas e espiritualistas, que se esforçam em fazer uso da forma instrumentalizando-a, deve-se perguntar “que espécie de ser pode pertencer à forma” (SC, 206; 212), e não estabelecer que ela seja “parte da natureza” ou produto das capacidades do intelecto humano, sem que maiores questionamentos sejam colocados. Ao responder essa questão valendo-se do comportamento da ordem humana que, como mencionamos, se furta às explicações clássicas, seja materialistas seja espiritualistas, nosso autor aponta um caminho um tanto profícuo no que tange à problematização dos dualismos clássicos.

---

de “pontos de ancoragem” é capital para a teoria do espaço desenvolvida na segunda parte da *Fenomenologia*.



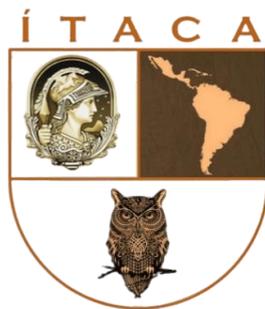
Segundo Neves (2016, p. 37), “a noção de forma permite dar uma interpretação metafisicamente neutra para a hierarquia das ordens da natureza (...): entre as ordens física, vital e humana o que existe são distintos graus de integração da estrutura do comportamento” e não “diferentes graus de ser” (idem, p. 38). As ordens da natureza não representam, portanto, seres mais ou menos elevados cujo representante máximo seria o ser humano, mas maneiras de organização: “a hierarquia indica (...) graus de integração *das* formas, e não graus de potência da natureza” (NEVES, 2016, p. 39). É preciso, porém, investigar como o comportamento do homem é diferentemente integrado já que a forma é “síntese da natureza e da ideia” (SC, 206; 212) o que faz da existência humana ainda natureza.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Merleau-Ponty, sempre como base as noções de forma e comportamento, chega à conclusão que “descrevendo o indivíduo físico ou orgânico e aquilo que o cerca, fomos levados a admitir que suas relações não eram mecânicas, mas dialéticas” (SC, 243; 250). Não é possível, assim, estabelecer as relações entre seres vivos e o meio (entourage) como provenientes de simples ações causais, seja qual for a origem delas<sup>77</sup>. O comportamento, novamente, é tomado como exemplo dessa dialética, já que “os estímulos físicos só agem no organismo nele suscitando uma resposta global” (SC, 243; 250). Não há alguns estímulos que suscitam, necessariamente, este ou aquele reflexo, mas uma estrutura que demanda do organismo uma resposta que só pode ser obtida se esta demanda se apresentar ao ser vivo como significativa. Ao reconhecer este fato, fica difícil enxergar o comportamento enquanto coisas em si “que existiriam *partes extra partes*” ou no âmbito corporal ou no nervoso (SC, 244; 251). Compreendemos, dessa maneira, a utilidade metodológica tanto da noção de “estrutura” quanto do uso feito por nosso

---

<sup>77</sup> Sejam elas definidas enquanto passividade do organismo em relação ao meio, como querem os behavioristas, ou como uma espécie de constituição por parte do indivíduo dos elementos do meio, como defendem os psicólogos introspeccionistas ou mesmo a filosofia intelectualista.



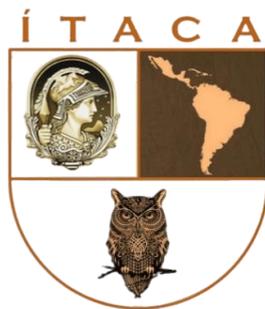
autor do ponto de vista do espectador estrangeiro a fim de esclarecer questões já extensamente trabalhadas pela tradição, mas a partir de um ponto de vista estranho e mesmo conflitante com aquele da fenomenologia.

Sobre essa crítica à tradição e a impossibilidade de se pensar ainda segundo suas premissas se quisermos, realmente, compreender fenômenos ambíguos, como é o caso do comportamento e mesmo da forma, Merleau-Ponty afirma:

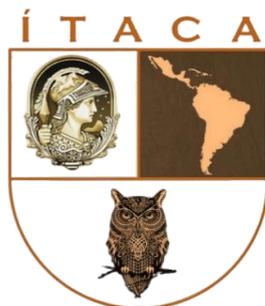
a filosofia não dispõe de uma ideia da consciência e de uma ideia da ação que tornariam possível entre elas uma comunicação interior. (...) Em última análise, a consciência é definida pela posse de um objeto de pensamento ou pela transparência para si mesma, e a ação, por uma série de acontecimentos exteriores entre si (SC, 248; 255).

Essa incapacidade de conjugar ação e consciência se desdobra ainda na dificuldade em compreender a percepção, pois se não há comunicação entre essas duas esferas como podemos perceber os objetos que se encontram fora de nós, na natureza? Merleau-Ponty se valerá então do exemplo da percepção infantil para tentar esclarecer esta questão. Segundo ele, a criança, antes de perceber as coisas do mundo percebe as coisas no mundo em relação aos outros seres humanos com os quais ela convive. Nas palavras do autor: “a percepção é um momento da dialética viva de um sujeito concreto, participa de sua estrutura total e, correlativamente, tem como objeto primitivo não o ‘sólido não organizado’ mas as ações de outros sujeitos humanos” (SC, 251; 258). No entanto, não basta partir dos “caracteres descritivos” da percepção para compreendê-la – por não dispormos, enquanto filósofos, de uma noção de consciência que seja satisfatória.

Aqui reside outra crítica endereçada à psicologia porque ela se ocupa somente dos “conteúdos (...) através dos quais” os objetos da experiência nos são dados; a psicologia “nunca leva até as últimas consequências a explicitação da experiência” (SC, 251-2; 258-9). O autor, então, tentará chegar aonde a psicologia não vai, continuando sua descrição partindo da percepção infantil. Não se tratando, porém, de fazer o caminho consciência-percepção, mas o contrário, partir da percepção para se chegar a uma noção de consciência que não caia no dualismo e



nas antinomias das quais o autor trata exaustivamente neste livro e que serão novamente trabalhadas na *Fenomenologia*. Enfim, podemos afirmar que as relações de Merleau-Ponty com a psicologia nesse início de sua carreira são, como a maioria dos conceitos com os quais ele se preocupa, um tanto ambíguas e por vezes contraditórias, o que não tira delas, porém, seu valor tanto epistemológico quanto metodológico. É graças à apropriação e à problematização de diversos conceitos e problemas oriundos do campo da psicologia que a filosofia merleau-pontiana pôde se desenvolver com a riqueza que conhecemos.



## BIBLIOGRAFIA

BARBARAS, Renaud. *De l'être du phénomène: Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*. Grenoble: Éditions Jérôme Million, 1991.

\_\_\_\_\_. *Merleau-Ponty*. Paris: Ellipses Édition, 1997. (Philo-textes).

BIMBENET, Étienne. *La structure du comportement: Chapitre III, 3 – "L'ordre humain"* Merleau-Ponty. Paris: Ellipses Édition, 2000. (Philo-textes).

\_\_\_\_\_. *Nature et Humanité: Le problème anthropologique dans l'œuvre de Merleau-Ponty*. Paris: J. Vrin, 2004.

FERRAZ, Marcus S. A. *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.

GERAETS, Theodore F. *Vers une Nouvelle Philosophie Transcendantale: La genèse de la philosophie de M. Merleau-Ponty jusqu'à la Phénoménologie de la perception*. La Haie: Martinus Nijhoff, 1971.

GOLDSTEIN, Kurt. *La structure de l'organisme*. Paris: Éditions Gallimard, 1951.

KÖHLER, Wolfgang. *Gestalt Psychology*. New York: Liveright Publishing Corporation, 1947.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Éditions Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. *Sens et non-sens*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

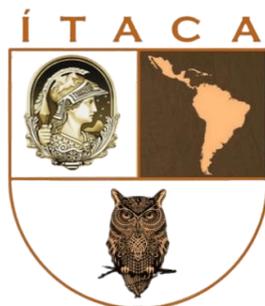
\_\_\_\_\_. *O cinema e a nova psicologia*. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 103-117.

\_\_\_\_\_. *Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques*. Lagrasse: Éditions Verdier, 1996.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *La structure du comportement*. Paris : Presses Universitaires de France (Quadrige), 2013.



\_\_\_\_\_. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NEVES, José Luiz Bastos. *Merleau-Ponty e o problema fenomenológico: Inerência e transcendência*. (Tese de doutorado em Filosofia) São Paulo: USP, 2016.

NOBLE, Stephen A. "De la conscience et du comportement à la conscience perceptive: critiques et enjeux d'une pensée en devenir. Inédits de et sur Merleau-Ponty, 1940-1945. *Revue internationale de philosophie* 2008/2 (n° 244), p. 127-147.

WAELEHENS, A. *Une philosophie de l'ambiguïté: l'existentialisme de Maurice Merleau-Ponty*. Louvain: Editions Nauwelaerts, 1978.